

FRANS POST

Quem teve o prazer de ler em 1937 o livro que o Sr. Joaquim de Souza Leão Filho fez publicar sob o título *Frans Post, seus quadros brasileiros*, terá razão de admirar o muito que o autor conseguiu reunir de novo, de pouco conhecido e até de inédito sobre o pintor holandês e suas pinturas brasileiras, em nova monografia que editou este ano. De 1937 para cá, por motivo do terceiro centenário da chegada ao Recife do Conde João Maurício de Nassau, renovou-se o interesse pela obra de Frans Post, um dos artistas que Nassau reuniu em sua corte pernambucana. A primeira tentativa de relacionamento dos seus trabalhos conhecidos e da apreciação deles do ponto de vista brasileiro, foi aquela de 1937, embora o assunto já tivesse sido examinado antes por historiadores e críticos de arte nossos: mas nenhum com a intenção de examinar a obra no seu conjunto e de indicar os quadros conhecidos. Depois de 1937, Robert C. Smith e o próprio Souza Leão mencionaram a existência de novos quadros de Post até então não relacionados; em 1937 na Holanda e em 1942 no Rio de Janeiro realizaram-se exposições de trabalhos do artista holandês. Assim pouco a pouco a obra artística de Post foi sendo desvendada. Mas o seu maior conhecedor, Joaquim de Souza Leão Filho, não parou aí; nas suas viagens aos Estados Unidos e à Europa foi recolhendo tanta indicação valiosa e localizando novos quadros do pintor que a sua monografia recente é o que de mais completo existe atualmente sobre Frans Post.

Mesmo para aqueles que têm dedicado atenção e se especializado no estudo do período holandês do Nordeste Brasileiro, o livro de Souza Leão apresenta um grande número de indicações novas; para o estudioso da arte e da história brasileiras o seu livro é obra de consulta indispensável. A reprodução de inúmeros quadros de Post, de alguns dos seus desenhos e de fotografias do mobiliário em marfim feito em Pernambuco, representa valiosíssima contribuição para a história social e artística desta região. Material riquíssimo para o estudo da arquitetura civil e religiosa, sobretudo rural, põe agora o Sr. Souza Leão ao alcance dos historiadores. Particularmente importante é a estampa XIII em que Post reproduziu em primeiro plano uma casa-grande de engenho do período inicial da colonização, o período da conquista. A casa-grande tem ainda muito de fortaleza, com poucos vãos, janelas pequenas e sua torre de atalaia, alta, lembra em vários de seus traços a extraordinária casa de Megaípe. O autor faz a propósito observações sobre arquitetura rural brasileira, com base na obra de Post e parece conhecer o trabalho que o Sr. Robert C. Smith, servindo-se do mesmo documentário, escreveu sob o título "Brazilian Art" e foi publicado na coletânea *Concerning Latin American eu/fure* (Nova York, 1940, pp.181-196).

De grande interesse é também o desenho de Post que representa a cidade Maurícia (evidentemente esboçado na primeira residência de Nassau em Pernambuco, a que ficava ao pé da ponte do Recife). Esta é vista em primeiro plano, com suas portas ou arcos; vêem-se as fortificações do bairro do porto, o areal à margem do rio, a área em que funcionou o mercado, etc. Também em primeiro plano observam-se casas de construção tipicamente holandesa. Ainda de importância são as reproduções do mobiliário de marfim - pela primeira vez estampadas no Brasil - considerado como sendo trabalho português realizado em Pernambuco. O autor cita trechos de artigo de uma revista alemã em que Hans Huth observa nos móveis em questão e, em especial no sofá e nas cadeiras, "o estilo peculiar aos países românicos", destacando neles "as características colunetas em arcada dos móveis espanhóis e portugueses" e que as frutas ornamentais neles cinzeladas, "são bem brasileiras: folhas de coqueiro, cajus e abacaxis".

As cadeiras também trazem datas: uma é de 1639, outra de 1640. Apresentam as armas de

João Maurício de Nassau e as iniciais J.M. "Comprovam o requinte, diz o Sr. Souza Leão, com que o Conde decorou os seus paços à margem do Capibaribe e como já lá existiam marceneiros capazes de executar peças desse teor".

Salientem-se ainda as valiosas informações sobre a biografia do pintor, o estudo de sua obra artística e ainda várias indicações sobre o seu irmão, o arquiteto Pieter Post, cuja estada no Brasil, mencionada por diversos historiadores, embora sem base documental, fica em definitivo negada. O autor baseia-se neste particular nas conclusões de um trabalho que lamentamos não conhecer: a monografia de G.A.C. Block, intitulada *Pieter Post* (Siegen, 1937).

Menos seguro no seu conhecimento, afigura-se-nos o Sr. Joaquim de Souza Leão Filho quando faz observações sobre a influência holandesa na arquitetura urbana do Recife holandês. Dos desenhos de Post, "se vê, diz o autor, que o Recife seiscentista não tinha ainda aqueles sobrados esguios da empena lateral com três e mais andares que andam erroneamente atribuídos aos holandeses, como se Lisboa e o Porto de então não fossem cidades de casas altas e se a Bahia e o Rio não estivessem cheios desses altos telhados que se apóiam nas paredes dianteiras e traseiras dos seus estreitos casarões citadinos". Segundo o autor, "influência holandesa, esta indubitável, foi o emprego generalizado do tijolo, substituindo o adobe".

Ora, o que parece certo é que as casas e, em especial, os sobrados do Recife do século XIX, tinham uma feição própria que os tomava inconfundíveis. Não o dizemos nós, pois delas só conhecemos um ou outro: dizem-nos os observadores estrangeiros que conheceram esta cidade no século passado. Um francês, o Conde de Suzannet, que aqui esteve em março de 1843, escreveu a propósito do Recife: "La construction des maisons, l'ensemble regulier des différentes divisions de la ville, tout concourt à vous faire oublier le Brésil; on se croit transporté dans une ville neerlandaise" (*Souvenirs de Voyage*, Paris 1846, p. 407). Um americano, Daniel P. Kidder, disse "many of the houses of Pernambuco are built in a style unknown in other parts of Brazil". (*Sketches of Residence*, Londres, 1845, vol. TI, p. 120). A mesma observação fizeram dois alemães, Teresa, Princesa da Baviera (*Meine Reise in den Brasilianischen Tropen*, Berlim, 1897, p. 211), e Moritz Lamberg (Brazilien, Leipzig, 1899, p. 9). Um sábio suíço, Emílio Goeldi, escreveu: "entrando na parte antiga da cidade, fiquei singularmente impressionado pelos múltiplos vestígios, dificilmente a desconhecer, do estilo arquitetônico germânico; certas ruas e certos edifícios traem logo a origem holandesa": "Notas de Viagem", *Anais do Museu Paraense*. Um ilustre historiador pernambucano, Alfredo de Carvalho, ressaltou a influência holandesa ao mencionar "a característica arquitetônica dos prédios alterosos do Recife": *Frases e Palavras*, Recife, 1906, p. 54. Outros depoimentos no mesmo sentido poderá ainda o leitor pachorrento recolher em livros de viajantes do século XIX.

Comprovada assim a existência no Recife de "um estilo desconhecido em outras partes do Brasil" em construções urbanas, cabe examinar quais as características dos sobrados nos quais os viajantes sentiram "a origem holandesa". Uma delas seria, segundo procuramos sugerir em livro, o *sobrado magro*, condicionado por causas topográficas e econômicas. Topográficas, em consequência da pequena área do bairro do Recife, centro cívico da colônia. Econômicas, decorrentes dos altos preços dos terrenos do mesmo bairro, o que forçou a divisão em lotes com pequena metragem da frente. A observação do fato não é nossa: Gilberto Freyre apontou-o em *Sobrados e Mucambos* (São Paulo, 1936, pp. 163-165) e em *Sociologia* (Rio, 1945, vol. II, p. 460). Observação idêntica, a propósito da colônia holandesa de Nova Amsterdam (hoje Nova York), fez o professor Thomas Jefferson Wertebaker, *The Founding of American Civilization* (Nova York, 1938, p.42). Em livro nosso, apontamos a confirmação que à observação de Gilberto Freyre

traziam vários documentos holandeses. Dissemos aí "condições topográficas e econômicas - especialmente o elevado preço dos terrenos - do mesmo modo e quase pelas mesmas razões que na Holanda - condicionaram no Recife - e com menos vigor em Maurícia, ou bairro de Santo Antônio - um tipo curioso de sobrado que persistiu até o século XIX; o sobrado alto e magro": *Tempo dos Flamengos* (Rio, 1947, p. 85). Em resumo, a competição por espaço topográfico e economicamente valioso, teria contribuído para o aparecimento de tal tipo de sobrado, persistente no Recife até fins do século XIX e começos do atual e que as obras do porto fizeram desaparecer. O Recife, tendo-se antecipado a todas as cidades do Brasil em condições de intenso urbanismo, não era de admirar que aqui se notasse fixação e persistência de traços incomuns ou raros em outras regiões brasileiras, no que respeita a construção civil.

Outra característica que parece trair "origem (ou, mais precisamente, influência) holandesa" afigura-se-nos ser a elevação da empena lateral dos prédios e a forte inclinação do telhado, conseqüente. Sabe-se que a elevação da empena contribuiu para o aproveitamento de um espaço habitável suplementar, o sótão tão comum entre nós, e que, à época da dominação flamenga, com a grande falta de habitação, veio em parte minorar a crise. Em mansardas moraram no tempo, famílias inteiras. O tipo português ou luso-brasileiro de telhado propendia para a coberta em 4 lances, de pequena declividade. Visto de perfil, dava a impressão de quase achatado. O sobrado recifense, pelo contrário, apresentava uma extraordinária elevação de empena e o telhado parecia construído como se houvesse a intenção de facilitar a queda da neve. Observação esta feita por um ilustre arquiteto, o Sr. Adolfo Morales de los Rios (pai) em um artigo sobre arquitetura civil incluído no *Livro de Ouro do Centenário* (Rio, 1922).

Insignificantes são os enganos que escaparam ao metucioso trabalho do Sr. Souza Leão. O episódio do aprisionamento da frota de prata em Matanzas teve lugar não em 1629 mas em 1628 (p. 17); não há indicação documental da presença de Vingboons no Brasil nem a isto se refere F. C. Wieder, na introdução à *Monumenta Cartographica* (pp. 18 e 23). Ainda, não nos parece aceitável a inclusão de Willem Pies (ou Piso) entre os seis pintores que Nassau declarou em carta ter tido a seu serviço no Brasil, p. 23. Uma gravura que representa o assédio de Porto Calvo em 1637, incluída no livro de Baerle, tem como autor certo Pierre Gondreville, personagem sobre quem pouco ou nada se sabe. Não teria sido ele um dos seis artistas mencionados pelo Conde?

O Sr. Joaquim de Souza Leão Filho, que atualmente exerce as funções de ministro do Brasil na Holanda, está em condições de esclarecer este e outros detalhes de interesse para a história pernambucana, em arquivos e museus holandeses. O seu gosto pela sua Província há de animá-lo a novos trabalhos tão valiosos quanto este *Frans Post* que acaba de publicar.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 nov., 1950.